

Acontecimentos nas Filipinas, c.1600

Antonio de Morga

Olivier van Noort, um natural de Utrecht, saiu do porto de Roterdão em Setembro de 1598 à cabeça de uma pequena

armada de duas naus e dois patachos. Ia por conta de uma das muitas companhias privadas de comércio que então existiam nas Províncias Unidas e levava instruções outorgadas pelo príncipe de Orange, Maurício de Nassau. Os tripulantes começaram por ser rejeitados do Rio de Janeiro, onde tentaram desembarcar. Depois, cruzaram o estreito de Magalhães e dedicaram-se por algum tempo ao corso nas costas americanas do Pacífico Sul, altura em que perderam um dos navios. O *Mauritius*, que era a nau capitânia, seguiu até às Filipinas, onde o patacho baptizado *Eendracht* se lhe reuniu em Dezembro de 1600. Poucos dias depois, os holandeses eram esperados ao largo de Cavite por dois navios espanhóis sob as ordens do ouvidor da *Audiencia* de Manila, o doutor Antonio de Morga. Em resultado do confronto que se seguiu, o patacho holandês foi tomado, os seus 17 sobreviventes enforcados e o capitão garrotado. A nau de Van Noort foi repelida após um combate duríssimo, mas também muito desorganizado da parte das forças espanholas. O *San Diego*, o navio mercante que os espanhóis tinham adaptado para liderar o combate, acabou por se afundar. No conjunto, pereceram à volta de 140 espanhóis, muitos dos quais mortos pelos holandeses enquanto nadavam para o *Mauritius* implorando para serem recolhidos. Passando pelo norte da ilha de Bornéu, Van Noort conseguiu navegar até Bantam, na ilha de Java, para depois rumar a Roterdão, onde chegaria em Agosto de 1601, com os sete marinheiros que, com ele, se crê terem sido os primeiros holandeses a circum-navegar o globo. O texto que se apresenta a seguir é extraído do livro que Antonio de Morga editou no México em 1609, intitulado *Sucesos de las Islas Filipinas*. Na sequência do combate naval de Dezembro de 1600, Morga viu ser-lhe instaurado um processo por parte do *Consejo de Indias*, sendo acusado de incompetência e de cobardia pela forma como o liderara. É sabido que um dos motivos que suscitou o aparecimento deste livro foi a necessidade que Morga sempre sentiu de defender a sua honra no caso da controversa batalha com Van Noort. Além disso, devemos ter presente que Morga saberia que o holandês escrevera a sua própria versão dos acontecimentos, a qual fora traduzida para Latim e publicada com ilustrações de Theodor de Bry por volta de 1602.

Fonte utilizada: Antonio de Morga, *Sucesos de las Islas Filipinas*, ed. Patricio Hidalgo Nuchera [Madrid: Ediciones Polifemo, 1997, pp. 167-179]. As passagens seleccionadas do texto foram traduzidas do espanhol por Aldino Dias.

Olivier van Noort, born in Utrecht, left the harbour of Rotterdam

in September 1598 at the helm of a small armada of four vessels. He sailed under commission of one of the many private trade companies of the United Provinces and carried instructions issued by the Prince of Orange, Maurice of Nassau. The crew was first expelled from Rio de Janeiro, where they had tried to land. Later, they crossed the Magellan Straits and, for a period, engaged in piracy along the South Pacific American coasts, having lost the flagship *Mauritius*. They headed then to the Philippines where the ship *Eendracht* joined them in December 1600. A few days later, the Dutch were awaited by two Spanish vessels off Cavite under the orders of the procurator of the Manila *Audiencia*, Doctor Antonio de Morga. The ensuing conflict resulted in the arrest of the *Eendracht* whose crew of seventeen was hanged along with the captain. Van Noort's ship fled after harsh, albeit disorganised, combat with the Spanish forces. The *San Diego*, the trade ship adapted by the Spanish to lead the attack ended up sinking. In total, around 140 Spaniards died, many of whom were killed by the Dutch while swimming to the *Mauritius* begging to be taken on board. Sailing across the north of Borneo, Van Noort managed to navigate as far as Bantam, on the island of Java, and subsequently headed back to Rotterdam, where he landed in August 1601 with seven sailors who along with him are believed to have been the first Dutchmen to circumnavigate the globe. The following text is taken from the book that Antonio de Morga published in Mexico in 1609 with the title *Sucesos de las Islas Filipinas*. After the naval combat of December 1600, Morga was prosecuted by the *Consejo de Indias*, accused of incompetence and cowardice in his leadership. It is known that one of the reasons behind the publishing of the book was the need that Morga always felt of defending his honour in the case of the controversial battle with Van Noort. Furthermore, it should be recalled that Morga knew that the Dutchman had written his own account of events, which was translated into Latin and published with illustrations by Theodor de Bry around 1602.

Source: Antonio de Morga, *Sucesos de las Islas Filipinas*, ed. Patricio Hidalgo Nuchera [Madrid: Ediciones Polifemo, 1997, pp. 167-179]. The selected quotes were translated from the Spanish by Aldino Dias.

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

Durante o governo de Dom Francisco Tello [nas Filipinas], no ano de 1600, em finais do mês de Outubro, um navio chegou da província de Camarines com a notícia de que numa das suas baías, na parte norte a vinte léguas da embocadura e Cabo do Espírito Santo, tinham entrado e ancorado duas naus, capitânia e almiranta, bem artilhadas e com gente estrangeira¹. Com o pretexto de serem amigos dos espanhóis, pediram e trocaram com os naturais arroz e outros mantimentos de que tinham falta. E logo de seguida zarparam e partiram em busca do canal, e por ele entraram, deixando escritas algumas cartas falsas, para o governador Dom Francisco Tello, dizendo que eram amigos e vinham com autorização de Sua Majestade [el-Rei de Espanha] a Manila, para fazerem os seus negócios. E por meio de um negro que fugira destes navios na ilha de Capul atirando-se ao mar, e de um inglês que os naturais tinham preso em terra, percebeu-se que estas naus eram da Holanda, de onde tinham saído, em conserva com mais três, com documentos e patentes do Conde Maurício de Nassau, que se intitulava Príncipe de Orange, para fazerem pilhagens nas Índias. Tendo entrado no Mar do Sul pelo Estreito de Magalhães, dos cinco navios, três tinham desaparecido, e estes dois, capitânia e almiranta, tinham corrido a costa do Chile, onde capturaram dois navios [espanhóis], e afastando-se da costa de Lima tinham avançado pelo mar dentro e tinham feito a sua navegação sem parar com rumo às Filipinas, onde tinham entrado com intenção de roubarem o que encontrassem.

Informados de que se esperava da Nova Espanha a chegada de um galeão chamado *Santo Tomas*, com o dinheiro das mercadorias correspondentes às cargas de dois anos que tinham sido enviadas de Manila para Nova Espanha, e que, dentro de poucos dias, começariam a chegar da China os navios de mercadorias com os quais poderiam encher as mãos, e que naquela época não havia galés nem navios de armada que os pudessem enfrentar, decidiram ir até à embocadura da Baía de Manila, e ficar por ali, provendo-se com os mantimentos e refrescos que se dirigiam à cidade. E assim o fizeram. A nau capitânia chamada *Mauritius* era comandada por Oliber de Nort [Olivier van Noort], de Amesterdão, com cem homens e vinte e quatro canhões de bronze [...]. Na nau almiranta, chamada *Concórdia* [*Eendracht*], ia o capitão Lamberto Viesman [Lambert Biezman], de Roterdão, com quarenta homens e dez peças de artilharia [...].



O governador Dom Francisco Tello, vendo que estes corsários iam fazendo incursões pelas ilhas, de acordo com as informações de alguns capitães e soldados que tinha enviado por terra pelas costas da ilha de Luzón, para que não deixassem entrar gente em terra nem causar danos nas populações, e de outros pequenos navios que se tinham mantido vigilantes em relação aos inimigos, tratou de resolver este problema. O qual parecia naquela altura bem difícil, não só porque não dispunha de navios a remos nem de alto bordo para sair ao mar, como porque também tinha pouca soldadesca no campo, pois a maior parte dela tinha levado para as províncias de Pintados [Visayas] o capitão e sargento-mor Juan Suárez Gallinato. Este, com galés e galeotas e outras embarcações, defendia os nativos dos navios de Mindanau e de Jolo, que a toda a hora apareciam para os roubar, preparando-se para a expedição que na primeira monção se pensava fazer a partir de Jolo, que já não podia ser adiada por mais tempo. Vendo-se o governador pressionado por esta dificuldade, e que o inimigo holandês poderia fazer

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

muitos danos e presas e partir com elas, deixando a terra arruinada, reuniu a Audiência e comunicou o caso, pedindo aos ouvidores que o ajudassem pessoalmente no que fosse conveniente. Discutiui-se o que devia ser feito, que era defender o porto de Cavite, que fica dentro da baía [de Manila], de modo a que os inimigos não se apoderassem dele, nem dos armazéns, nem da artilharia, nem do estaleiro, e que ao mesmo tempo se diligenciasse para que se armassem alguns navios com que sair ao mar e oferecer alguma resistência aos inimigos. Quanto mais não fosse para que eles não se estabelecessem tão firmemente em terra e fossem induzidos a saírem das ilhas, pois se encontrassem tudo assim tão indefeso e sem resistência permaneceriam ali até conseguirem os seus objectivos.

A execução destas medidas ficou a cargo do doutor Antonio de Morga, enquanto ao licenciado [Cristóbal] Téllez de Almazán foi ordenado que permanecesse na cidade, com o governador e presidente, para a defender e para a partir dela fornecer ao porto de Cavite e ao doutor Antonio de Morga tudo o que fosse necessário à sua missão. No mesmo dia, que foi o último do mês de Outubro de 1600, [o doutor Antonio de Morga] saiu de Manila, com alguns soldados e munições e foi para o porto de Cavite, que pôs em estado de defesa com cento e cinquenta homens bem armados, arcabuzeiros e mosqueteiros, que vigiavam continuamente o porto, dia e noite, com as suas sentinelas e postos avançados colocadas nos lugares necessários. Juntou os navios que nele se encontravam à povoação e estacionou-os o mais próximo possível do estaleiro, onde estava a ser construída uma galeça, e onde se encontravam um navio de Cebu e outro patacho pequeno de portugueses, que tinha vindo de Malaca com mercadorias. Para a defesa deste [porto], colocou na costa doze peças de artilharia de bronze de tamanho médio, juntamente com duas de maior alcance, que ficaram numa ponta, à entrada do porto, e todas juntas protegiam o porto e os navios que aí se encontravam. Ao longo da praia fizeram uma trincheira com estacas e pranchas de madeira, que encheram com terra, atrás da qual os soldados poderiam proteger-se e defender-se da artilharia inimiga, caso os inimigos entrassem. Depois de ter posto o porto assim em posição de defesa, o ouvidor diligenciou no sentido de concluir a galeça, embora ainda necessitasse de muito trabalho, de lançá-la à água e de lhe colocar as velas, e tratou também de reaparelhar a nau de Cebu. Dedicou-

-se a estes trabalhos tão afincadamente que num período de trinta dias colocou as velas na galeça e na nau de Cebu, equipando cada uma com onze peças de artilharia de tamanho médio e algumas maiores, que tinham sido enviadas de Manila para adicionar à artilharia existente no porto.

Os corsários chegaram à entrada da baía, a oito léguas do porto de Cavite, mas não ousaram entrar no porto, como tinham pensado, por terem sabido através de alguns *sangleys* que tinham saído com as suas sampanas para o mar que este já estava defendido. Porém, não compreenderam que os espanhóis se preparavam para os atacar nem que naquela época havia qualquer preparação ou força para tal. E assim se deixaram ficar à entrada da baía, mudando-se uns dias para um lado e outros dias para o outro com ambas as naus e suas barcas, roubando os navios que entravam na cidade com abastecimentos, sem que nenhum lhes escapasse, e surgindo de noite nos abrigos de terra, a uma distância de quatro léguas da embocadura da baía, sem se afastarem mais dela, para estarem preparados para as oportunidades que surgissem.

O doutor Antonio de Morga manteve diversas embarcações muito pequenas e rápidas à vista do inimigo, resguardadas pela terra, que todos os dias o informavam sobre a posição dos inimigos e o que os mesmos faziam. Estes estavam calmamente estacionados, colocando os seus guardas todos os dias ao fim da tarde no convés, com tambores e bandeiras, e disparando a mosquetaria. Assim podiam ser reconhecidas as forças que estes corsários traziam, notando-se que o maior e melhor contingente se encontrava na capitânia, que era um navio bom e rápido. Por outro lado, o ouvidor tomou precauções para não deixar nenhuma sampana ou barco sair da baía, a fim de não dar oportunidades aos corsários de saberem o que se estava a passar. Estando o assunto neste ponto, avisou o governador sobre o que tinha feito, informando-o de que se ele assim o entendesse, o patacho português também poderia ser armado, de modo a sair em conserva com os outros dois navios, a galeça e o *San Diego*² de Cebu, pois tinha embargado essa embarcação e tinha-a destinado a essa finalidade.

Equiparam-se os dois navios com munições e alguns mantimentos de arroz e de peixe; restava apetrechá-los com gente de mar e de guerra que sássem com eles, a qual era escassa, pois os marinheiros

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

escondiam-se e fingiam estar doentes, e todos estavam relutantes em ter de enfrentar ações mais de risco e perigo do que de lucro pessoal. Os capitães e soldados particulares da cidade, que não recebiam nem soldo nem provisões de el-Rei, e que poderiam ir na expedição, não ofereceram os seus serviços ao governador. E se algum estava pronto para o fazer não o demonstrava até saber quem comandaria esta armada, pois embora alguns capitães da terra pudessem ocupar o lugar o governador não estava inclinado a requisitá-los, nem os outros queriam ir sob o seu comando, pretendendo e presumindo cada um deles que poderia ser o comandante e que nenhum outro seu vizinho os havia de comandar. O governador estava impedido de sair pessoalmente, e percebia que todas as pessoas da cidade desejavam ir com o doutor Antonio de Morga, se ele comandasse a armada, e não se preocupariam com as dificuldades que lhes surgissem. Quando o governador percebeu a vontade daqueles que estavam prontos para embarcar, e que não havia outra forma de se conseguir o que se desejava, e que cada dia de atraso era de grande prejuízo, chamou à cidade o ouvidor e negociou com ele. E para que ele não pudesse recusar lavrou um auto e de imediato o mandou notificar pelo secretário do governo, ordenando-lhe da parte de Sua Majestade que embarcasse na qualidade de general e comandante da armada, em busca e perseguição dos corsários, pois de uma outra maneira, no estado em que as coisas se encontravam, não poderiam alcançar o fim desejado.

O ouvidor, entendendo que, se não o fizesse, seria culpado de ter desprezado uma ocasião tão importante para servir a Deus e a Sua Majestade, e para o bem de toda a terra, e, visto que os assuntos de guerra, por mar ou por terra, tinham estado a seu cargo e comando, poderia ser mal interpretado se virasse costas nesta conjuntura, quando tinha sido procurado para isso, e contemplado especialmente com documentos do governador, nomeando-o para o cargo, obedeceu ao que se lhe ordenou pelo auto do governador, por descargo de consciência [...].

O doutor Antonio de Morga abasteceu-se com tudo o que era necessário para a expedição, sem pedir ou receber coisa alguma de el-Rei, e ajudou alguns soldados necessitados, que vieram oferecer os seus serviços, e muitas outras pessoas importantes fizeram o mesmo. Assim, uma semana depois já havia homens suficientes para a expedição, com abundância de

mantimentos, matalotagens e armas que todos embarcaram. E com os aventureiros e os soldados regulares existentes no campo, que o governador deu ao ouvidor [...], havia homens suficientes para armar ambos os navios, levando cada um quase cem soldados, sem contar artilheiros, marinheiros e grumetes, havendo menos destes do que os necessários. O governador nomeou como almirante desta armada o capitão Juan de Alcega, soldado antigo e experiente nas ilhas [Filipinas], e como capitão dos soldados pagos, que iriam navegar na nau almiranta, Juan Tello y Aguirre, e como sargento-mor da armada, Dom Pedro Tello, seu parente, e os outros oficiais e praças necessários, e deu a nomeação e o título de general da armada ao doutor Antonio de Morga, com regimento do que havia de fazer no decurso da viagem e jornada, fechado e selado, com ordem para o abrir apenas depois de ter saído para o mar, fora da baía de Manila [...].

O ouvidor foi para o porto com toda a sua gente e mandou-a embarcar nos dois navios, tomando por capitânia a nau *San Diego*³ de Cebu, por ser mais apropriada para acomodar a gente que com ele embarcava, e deixando o patacho português, porque o governador o tinha libertado, de modo a que os portugueses regressassem nele a Malaca sem perdas de tempo. Em seguida, equipou duas coracoras para serviço da armada, com tripulantes índios e dois espanhóis a dirigi-las. Saíram do porto de Cavite e fizeram-se ao mar, depois de se terem confessado e comungado, no dia 12 do mês de Dezembro de 1600 [...].

Na noite do mesmo dia, ambos os navios desta armada chegaram à povoação e ancoradouro da ilha de Miraveles, na embocadura da baía, e assim que se fez dia aproximou-se um barangai da terra, em que vinham as sentinelas que no dia anterior o ouvidor tinha enviado, para obterem informações certas sobre a posição em que se encontravam os corsários. E disseram-lhe que, quando a armada vinha a sair do porto de Cavite, os inimigos também tinham levantado âncora de onde estavam surtos, para os lados do porto [da ilha] de Frayle e, tendo recolhido as suas chalupas, tinham passado com ambas as naus para o outro lado, pelo mar alto, e tinham-nos visto surgir, já de noite, em frente da ponta de Valeitegui [Punta del Fuego], onde tinham ficado. Com esta notícia, o ouvidor entendeu que seria possível os corsários terem sido informados da preparação da armada e da sua partida, tendo consequentemente levantado âncoras; e como

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

tinham metido as chalupas dentro dos navios, faziam-se ao mar para se desviarem da armada. Logo transmitiu as mesmas informações ao almirante, e abriu as instruções que o governador lhe tinha dado, e vendo que por elas lhe era ordenado que perseguisse o inimigo com toda a diligência, e o seguisse e tentasse lutar com ele, achou que era melhor apressar o que tinha que ser feito e não perder tempo nem deixar o inimigo afastar-se mais. Nesta conformidade, a armada passou este dia de Santa Luzia, 13 de Dezembro, a colocar paveses, a pôr a artilharia em ordem, a aprontar as armas, a distribuir os homens pelos seus postos, e a prepararem-se para combater no dia seguinte, pensando que haveria de se encontrar com os corsários. O ouvidor enviou instruções particulares por escrito ao almirante, sobre o que deveria fazer e observar, por sua parte, especialmente quando se encontrasse com o inimigo, em que ambos os navios deviam abalroar e lutar com a capitânia dos corsários, que era o navio que levava todas as forças, e deduziriam outras coisas a partir das instruções dadas ao almirante [...].

Ao mesmo tempo o ouvidor notificou o almirante para que, após a meia-noite, levantasse [ferro] a armada de onde estava e saísse da baía para o mar, navegando o mais rápido possível, de modo a que ao amanhecer se encontrasse na extremidade de Valeitegui [Punta del Fuego], a barlavento do ponto onde o inimigo tinha surgido na noite de terça-feira, de acordo com o relatório das sentinelas. À hora combinada levantaram [ferro] ambas as naus, capitânia e almiranta, de Miraveles, e favorecendo-as o vento, embora pouco, navegaram durante o resto da noite rumo a Valeitegui [Punta del Fuego], sem poderem seguir as duas coracoras de serviço, por causa do mar picado com vento do noroeste, que foram atravessando para a outra banda, por dentro da baía, ao abrigo da ilha. E quando começou a amanhecer, ambas as naus da armada estavam na extremidade, descobrindo a sotavento, a uma légua, as duas naus dos corsários ancoradas, as quais, assim que se aperceberam da presença das nossas e que traziam nos mastros bandeiras de capitânia e almiranta, levantaram [ferro] de onde estavam e fizeram-se à vela, reforçando a capitânia com um grupo de homens da sua almiranta; a qual partiu para o mar, enquanto a capitânia esperou pela nossa armada, disparando algumas peças de longo alcance.

A capitânia da [nossa] armada, que não podia responder com a sua artilharia por levar as vigias

fechadas e estar amurada do lado de estibordo, decidiu avançar sobre o inimigo, e abordou a capitânia [dos inimigos] pela banda de bombordo, varrendo e limpando as cobertas da gente que nelas se encontrava; colocou a bordo uma bandeira com trinta soldados e alguns marinheiros, que se apoderaram do castelo e câmara de popa, e lhes tomaram as bandeiras de gávea e de quadra, e o estandarte que tinha içado na popa, de cores branca, azul e laranja, com as armas do conde Maurício. O mastro principal e da mezena foram despojados de todo o equipamento e velas, e uma barca grande que trazia à popa foi capturada. Os inimigos, que se tinha refugiado na proa, debaixo das xaretas, vendo sobre si duas naus com tanta determinação, enviaram pedido ao ouvidor sobre condições de rendição. Enquanto estava a ser dada uma resposta aos inimigos, o almirante Juan de Alcega, de acordo com as instruções que o ouvidor lhe tinha dado no dia anterior, para atacar juntamente com a capitânia e colar-se a ela, parecendo-lhe que aquilo já tinha terminado, e que a almiranta do corsário estava a escapar-se, e que seria bom capturá-la, deixou as capitânias e seguiu à popa de Lamberto Viesman [Lambert Biezman], com toda a velocidade, até o alcançar.

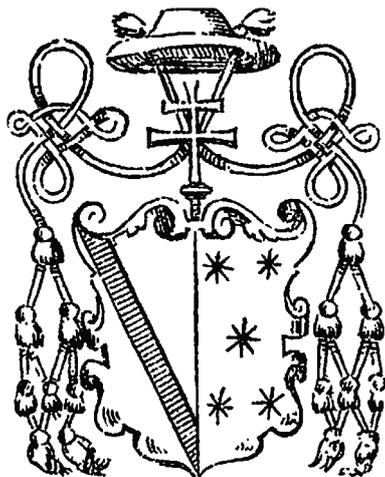
Oliber de Nort [Olivier van Noort], encontrando-se sozinho e com navio e artilharia melhores do que o ouvidor tinha, não esperou mais pela resposta aos termos que tinha pedido anteriormente, e começou a combater outra vez com a sua mosquetaria e artilharia. O combate entre as duas capitânias foi tão tenaz e renhido que durou mais de seis horas, com mortes de ambas as partes; mas os corsários estiveram sempre em piores condições, pois não restaram vivos mais do que quinze dos seus homens, e estes estavam muito estropiados e feridos. Por fim, os corsários puseram fogo à sua nau e as chamas altas subiam pela parte central e pela parte da popa. O ouvidor, para evitar danos na sua nau, teve de recolher a bandeira e a gente que tinha no navio do inimigo, e soltar-se e afastar-se dele. Assim fez e descobriu que a sua nau, com a força da artilharia de tão longo combate, como era um navio pouco fortificado, tinha uma abertura na proa e entrava tanta água que sem poder estancá-la se afundava. Os corsários, ao verem o problema do seu oponente, e que ele não os podia perseguir, apressaram-se, com os poucos homens que lhes restavam, a apagar o fogo da sua nau, e tendo-o conseguido, puseram-se em fuga

ENCONTROS E DESENCONTOS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

com a tripulação que lhes restava. E [a nau], destroçada por todas as partes, despojada de equipamentos e sem gente, chegou ao Bornéu e a Sunda, onde foi vista tão enfraquecida e desfeita que parecia impossível navegar ou ir mais além sem naufragar.

A capitânia espanhola, que estava muito atarefada a tentar resolver a grave situação em que se encontrava, não pôde ser ajudada, porque estava só e longe de terra, e por conseguinte afundou tão rapidamente que os homens nem puderam desarmar-se, nem descobrir qualquer coisa que lhes pudesse valer. O ouvidor não abandonou a nau, embora alguns soldados lhe pedissem para entrar na barca que traziam à popa e da qual se apoderaram para nela escapar, com a qual fugiram e foram embora para impedir que outros lha retirassem. Quando a nau se afundou, o ouvidor nadou continuamente durante quatro horas, com as bandeiras de quadra e o estandarte dos inimigos que levava com ele. Chegou a uma pequena ilha deserta, a duas léguas, chamada Fortuna, onde também se salvou alguma gente da nau que teve mais resistência no mar.

Outros pereceram e afogaram-se, porque nem sequer tinham conseguido desarmar-se, e estavam



exaustos devido à luta feroz com os inimigos. Os que morreram nesta ocasião foram cinquenta no total [...]. O almirante Juan de Alcega, tendo alcançado Lamberto Viesman [Lambert Biezman] ligeiramente depois do meio-dia, capturou-o com pouca resistência; e embora depois tenha visto passar a nau tão destroçada de Oliber de Nort [Olivier van Noort], não a seguiu. Pelo contrário, sem parar mais tempo, voltou com a almiranta a Miraveles, deixando a presa com alguns dos seus próprios homens que tinha posto a bordo para o seguirem. Também não procurou a capitânia dele nem fez qualquer outra diligência, presumindo que se algum infortúnio tivesse acontecido poderia ser culpado por deixar a capitânia sozinha com os corsários e procurar Lamberto Viesman [Lambert Biezman] sem ordens do ouvidor, contrariando as instruções que lhe tinham sido dadas por escrito, e temendo que se se fosse juntar ao ouvidor depois de o ter deixado sofreria as consequências⁴.

O ouvidor, ao anoitecer, levou os feridos e os homens que tinham escapado na ilha de Fortuna na barca da sua nau, que ele encontrou naquele porto, juntamente como a barca dos corsários e uma coracora que chegara até lá. E no dia seguinte deixou-os em Luzón [...], a trinta léguas de Manila, onde os abasteceu com provisões, tão depressa quanto foi possível. Além disso, explorou a costa e ilhas vizinhas com barcas rápidas, à procura da sua almiranta e do corsário capturado, que foi levado para Manila, com vinte e cinco homens vivos e o almirante [inimigo], dez peças de artilharia, e uma quantidade de vinho, óleo, panos, tecidos, armas, e outros bens que transportava. O almirante e os holandeses da sua companhia foram garrotados por ordem do governador. Assim terminou esta jornada, com a qual foi evitado o dano que se pensava que os corsários infligiriam nestes mares, se tivessem neles permanecido com os objectivos que tinham, embora com muito prejuízo dos espanhóis, pela perda da sua capitânia, o que não teria acontecido se as ordens do ouvidor tivessem sido observadas. **RC**

NOTAS

- 1 Navios da armada de Olivier van Noort.
- 2 No original, *Santo Antonio*, por equívoco.
- 3 No original *Santo Antonio*.
- 4 Alcega seria condenado por causa do aparente acto de desobediência

a que Morga aqui se refere. Contudo, tanto o relato holandês abaixo transcrito, como outros testemunhos espanhóis, sustentam que ele não permaneceu junto da nau capitânia por ter entendido que esta dispensava a sua ajuda.